

POEMAS ESCOLHIDOS

E o dia claro é quando a noite vem

Retratos de Francisco Bugalho nas paisagens de Poesia

Texto de

Maria Jorge

FRANCISCO BUGALHO REENCONTROU A INOCÊNCIA, QUE AMA E CRÊ, NA VIAGEM DA EXPERIÊNCIA. EM 1947 ESCREVIA A JOÃO GASPAR SIMÕES: «ESTOU MUITO MAIS PERTO DE DEUS DO QUE SUPÕES. NÃO SEI GRITÁ-LO... TALVEZ POR ISSO MESMO.» E NO GESTO A QUE ELE CHAMA POESIA RESIGNADA FOI POR SUAS MÃOS AMANHECENDO UM DIA CLARO EM NOITES FUNDAS. A SUA POESIA ESTÁ AGORA REUNIDA EM LIVRO, NUM SÓ VOLUME.

É luminoso este livro, onde as palavras se reúnem com o nome de um nome: Francisco Bugalho.

(Dou o nome do homem ao que ele deixa escrito, ao espaço de ritmos onde ele se traça, caligráfico. Não faço passar o tempo que nos afasta — a ele que escreve, a mim que o leio cinquenta, sessenta anos depois. A leitura sempre faz, da coisa escrita, um ensejo de presente: agora o leio, agora é que ele para mim escreve.)

Conheço, dele, o rosto. Homem suspenso, abrigado nas horas familiares. Homem plácido e intranquilo, «A ver passar a Vida, da janela»; apartado; «a viver vida, que é só vida em mim», nesse desejo de ser outro, que o levanta e despedaça. Longe de um frenesi de horizontes que lhe sustentasse a imaginação da viagem, cercado pela mesma terra igual, pelo grito de um comboio que parte mas sempre volta — ele vê. E, sem clamor, entrega-se aos dias. Entrega-se no olhar que procura ver, e se procura vendo.

Conheço os vultos, as paisagens pessoais e íntimas. O retrato da mulher — como se a pintasse algum Modigliani bucólico —, flor secreta donde «se evolva/ Todo o frescor que a minha sede aguarda,/ Silenciosa, cálida, pesada». A casa, a quinta — amoroso jardim perdido e encontrado, jardim de cultivo, cifra do mundo. Pressente-se um torpor feliz de «Sesta/ Dormida,/ Enquanto o sol, em festa/ Lá fora, é vida...// Luz coada,/ Através das persianas cerradas,/ Esmacece,/ Em brancas tiras/ Que no chão se estiram.../ No quarto, a luz adormece.»

Tudo é amável aqui. Mesmo quando a luz sufoca e fere, a parede caiada cintila de frescura; os dias quietos humedecem aromas na chuva escassa e distante.

E deixo-me então sentir, naquela aparência de coisa sossegada, um Alentejo. Remoto e cúmplice. Oferecido ao olhar — vivo de luz, de pedras, caminhos e gente; mas revoltado de estiagem, de noite e de silêncio.

Há nestes lugares do Alentejo uma vida que se perdeu e perdura: a solidão habitada, a proximidade com as coisas essenciais. Sente-se. Lê-se como quem sente a terra, a dormência, os rumores; e um arrepio, um negrume. Deste Alentejo, ou neste Alentejo, se fala de maneira singular.

Leio e guardo as variações de luz e de sombra; as paisagens — essa maneira de ver entre limites o que o tempo desconhece e nos excede; os momentos — esboço de uma eternidade voltada para dentro.

Assim Francisco Bugalho se aproxima por vezes de Afonso Duarte. Parece que alguma coisa neles, distantes, conflui de separadas terras. Certa maneira bucólica; os lugares quotidianos por onde vagueia o destino imposto; o retrato dos que trabalham e cantam nessa opressão de um pecado original, irremissível; uma asa de andorinha que passa — a mesma. E o peso da noite; e a «alma cativa/ De um eu que se procura/ No ser de um outro eu» (palavras de Afonso Duarte).

Poderá ainda aproximar-se de outras vozes, tão alheias, que em certa margem partilham a mesma herança: as pastorais da emoção, as visões da alma. Seria o sentimento pré-romântico. Seria a voz do guardador de um rural sossego, desafogado, onde os livros convivessem com o trabalho vário e a vida útil; assim ambicionava James Thomson, cativado pela Primavera. Seria a celebração da noite, essa noite invocada por Edward Young na volúpia negra da melancolia: o silêncio maior, a anunciação da morte, a sombra do vazio. Seria o mesmo sentimento.

Francisco Bugalho não escolheu o rural sossego; vive todos os dias nessa aparente quietação com um desassossego comovido, e dele escreve.

Crepuscular, surpreende o último esplendor da luz: «No pátio sonolento, a luz que morre,/ Violeta-rosado;/ É tinta fresca de aguarela e escorre.»

Nocturno, respira o pesadelo e o assombro, onde entrevê — como no Inverno, seu espelho — a imagem de uma eternidade fria, agreste. É a noite que ilude as madrugadas, a noite onde se traça, de um só gesto, a paisagem exterior e íntima:

«Na noite negra, pérfida e calada,/ Alguém passa a cantar à minha porta;/ É uma voz estridente, desgarrada/ Que assim se vai perdendo pela estrada/ E em que há todo o pavor da noite morta...// Um arrepio dessa voz, que tem/ Um medo heróico à própria solidão,/ Comunica-se e vem/ Fazer tremer involuntariamente,/ Sobre o livro que leio, a minha mão./ Depois vai-se fundindo, em sons dispersos,/ Na noite surda, pérfida e calada...// Foi do pavor de seguir só na estrada/ Que nasceram também estes meus versos.»

Inquieta-se a leitura. Sejam as palavras iguais, seja ainda pastoral a forma, a voz de Francisco Bugalho transforma-se, o olhar tem nova perspectiva. Já ele não é o homem sozinho, vulto e voz da paisagem; é agora a voz de um sentimento da paisagem, essa que

encerra
pos, ser

Se a
rio des
de etern

A ex
baço. Q
enquan
-se a vi
profeci
dos/ H
-se dep
acende
«de nac
fim» no
de, con
procur

Há e
trevas, c
vem im
secura c
E no
mildade

«Vag
dente e
gem,/ /
dando
da, doc
o viver,
solidão
gos del
do,/ C
dos?!...
me inva
sereni
gem!//
Como a

Luz e t
não se
de si, tr
te-se a t
ficção c
peregr
sempre

O e
que é c
mãos «
pão é e
As h
peras d

encerra todos os vultos: gente, casas, bichos, campos, serra, noite, luzeiros.

Se a noite e o Inverno são metáfora de um solitário desespero, de um desejo imóvel, outra imagem de eternidade se forma no grande calor do Sul.

A excessiva luz enegrece. É o meio-dia: «Céu baço. Quente quebranto/ Se espalha, no longe, enquanto/ Cantam cigarras à roda...// E parou-se a vida toda». E além do que é visto, assoma a profecia: «Sobre meus olhos cansados/ E cerrados/ Há véus de chamas que descem...» Cumpre-se depois no lume da queimada, noite que se acende, inferno da terra: cheiros, gritos, o tropel «de nada pra nada». A estiagem tem «silêncios de fim» no pasmo e na fome. Alastra-se a calamidade, constante, repetida, «castigo que o homem procurou».

Há ecos de ameaças bíblicas: o flagelo do sol, das trevas, da seca; num dia de trovoadas, o fogo do céu vem imolar os inocentes. É a provação do deserto, a secura da alma, quando o divino se ausenta.

E no entanto a alma revive, aceita e acolhe a humildade; aproxima-se dos segredos:

«Vago aroma de esteva, ao mesmo tempo ardente e virgem,/ E este murmúrio doce da folhagem,/ São o falar do mato, na estiagem,/ Segredando os mistérios da origem...// Calma profunda, doce, resignada.../ A vida não é mais do que o viver/ Da paisagem nostálgica e pasmada...// A solidão tem dedos de veludo,/ De frementes afaços delicados./ — Bendita solidão, que beijas tudo,/ Onde andarão meus sonhos desvaídos?!...// Nestes montados,/ Que purificação me invade a alma!/ Como entra, em mim, toda a serenidade/ Dos ermitões, orando na paisagem!// Nesta paisagem,/ Calma, calma, calma,/ Como a Eternidade.»

Luz e treva, tormento e calma, são contrários que não se combatem. Francisco Bugalho, contraditório de si, transporta para a paisagem o seu retrato. Sente-se a transformação do olhar. Os rumos da viagem, ficção da fuga, tornam-se afinal em passos de uma peregrinação entre horizontes iguais onde tudo sempre recomeça.

O estio, doloroso, compraz-se agora no trabalho que é o orgulho dos ceifeiros, faina que lhes dá às mãos «dons do sobrenatural», e que proclama: «Ter pão é estar à janela/ E poder olhar pra longe.»

As horas de um Inverno transido tornam-se «vésperas da Primavera», dos renovaos e da margaça, do

feno em flor. A noite clareia em madrugada; acalenta-se na brandura das vozes, no sono manso. Tudo é simples.

Repousa a melancolia da infância, aquieta-se o desejo de ser quem não foi.

«Que a paz rural de certas tardes/ Tu não a viste quando era./ Meu coração que tanto ardes/ Aguarda, espera...// O que hoje passa e tu não vês/ Será, depois, instante raro./ Aguarda e espera que uma vez/ Se faça em ti o dia claro...// E o Dia claro é quando a Noite/ Vem sobre nós e nos supera/ E não há esperança que se afoite/ E o coração já nada espera.»

Que sabedoria acontece, como esta, e quais os caminhos? O livro os conta, a espaços, em fluxos e refluxos do sentir.

Vejo a figura de um Francisco Bugalho sorridente, à janela da sua casa. Parece haver nele uma paz que não sei se teve nesse dia. Volto a ler o pórtico dos últimos versos:

«*Poemas cantados, / A esta distância, / Em vez de cantados, / Parecem brincados / Brinquedos de infância. // — Que luz d'experiência / Vos emurcheceu / A doce existência / Doirada, florida? // — Um outro viveu / Aquela outra vida...*»

«*Sossego de alma / Na tarde quieta. / — Que estranha calma! / — Será sossego, meu morto poeta? // Ou antes morte de ânsias que foram?... / — Se a vida é forte / E as searas douram, / Pra que cantar angústias de alma? // Na tarde quieta / Que estranha calma...*»

Abraçando a força animal da natureza sensível, ele vê. Inquieto ainda, é outro no sentimento da alma.

William Blake, o visionário, o gnóstico rebelde, mostrou que a vida é dupla; que a inocência e a experiência continuamente nela se entrelaçam para alcançar a visão da verdade, essa humana sabedoria das verdades maiores. Só a *experiência* — que duvida e se procura — é capaz de erguer, viva, a criança perdida no vazio do tempo e da noite.

Francisco Bugalho reencontrou a *inocência*, que ama e crê, na viagem da experiência. Em 1947 escrevia a João Gaspar Simões: «Estou muito mais perto de Deus do que supões. Não sei gritá-lo... Talvez por isso mesmo.»

E no gesto a que ele chama poesia resignada foi por suas mãos amanhecendo um dia claro em noites fundas. ●



Dom Rafeiro

O seu latido faz o espaço, ainda, mais largo,
Dá mais distância e fundo a toda esta amplidão.
Solitário, é, da noite e do campo, em letargo,
O feroz e pachorrento guardião.

Os seus olhos, que têm canduras de alvorada,
Têm, às vezes, também, o fulgurar do raio:
— Providência da rês desirmanada,
Lutador fero, heróico e sem desmaio.

Da boca enorme, a baba cristalina,
Pende-lhe, quando sonolento espera,
No escavado cabeça da colina,
O sol, macio e bom, da Primavera.

Mas nas noites de Inverno desalmado:
— Poços enormes, negros e sem fundo, —
O seu cavo ladrar, no ermo resignado,
É a única voz viva deste Mundo.

Agora, o sol lhe doira a felpa do espinhaço.
O rebanho repasta, plácido, em sossego.
E, aninhado entre as mãos, em ternuras de abraço,
Aconchega-se, débil, um borrego.

ILUSTRAÇÃO DE CIPRIANO DOURADO



Trovoada

No dia baço e mole,
As nuvens baixas foram-se juntando.
E um silêncio de agoiro e expectativa
Fixou-se insinuante, lento e brando...

Já se não vê o Sol.
Contra o céu negro, a serra é, já, mais escura.
E mais brancos, os brancos da paisagem
(Casas, fita da estrada)
Têm pálidos lívres de sepultura:
— Sepultura caiada.

Calou-se a vida. Aves, insectos, tudo
Se recolheu, em expectativa e espanto.
A serra inteira é um deserto mudo,
Emudecido, por encanto.

Cessam as cabras de pastar, em busca
Do abrigo do mato...
O relâmpago risca, brilha, ofusca...

E morreu o pastor, que era um gaiato.

Poesia e Morte

por Vitorino Nemésio

Deram-me, há dias, a notícia da morte prematura de Francisco Bugalho, poeta e lavrador alentejano.

Chamamos geralmente prematura à morte daqueles com cuja vida civil contávamos ainda: os adolescentes, os moços, os novos. Pois, fora disso, a morte é sempre madura. Todo o ser que deixa a existência deixa-a, decerto, na hora própria, porque perfez o seu ciclo: em suma, porque «esteve» e só «será». Mas nós, os que ainda «estamos», é que não concebemos o ser alheio, o semelhante a nós, senão ainda e sempre metido na trama dos nossos actos e na contemporaneidade das nossas vivências. Daí o conceito e o sentimento biográficos do «malogro» e a categoria dos «malogrados».

Só à luz dum sentimento estóico, que subtilmente invadiu a estimativa cristã e que naturalmente se impõe a todos os que pesam e pensam a textura opressiva do mundo, a morte de alguém, na força da vida, é um presente dos deuses. Se esse alguém é poeta, como era Francisco Bugalho, o «bem» sublima-se: para quem sabe que a poesia não é distração, mas participação activa na vida universal e visão dela, o poeta nunca é tão vivo como quando o homem morre. Depura-se tudo: Já o vulto do vivo não faz sombra — e a sombra, na terra dos homens, é um pouco de «espaço vital», que pode fazer falta a alguém. Já a pessoa não pesa, não conta, não diz... E pesar, contar, dizer são como que operações «económicas» da convivência: estabelecem concorrência nos mínimos actos da vida; afligem e oprimem os vizinhos de mais perto.

Mas o que mais largamente se depura de um poeta, quando o homem que ele habita e configura se finou, é a sua própria poesia — orbe de alusões, de si-

nais, de ressonâncias, de indícios (*Indícios de Oiro* chamou Sá-Carneiro a um dos seus livros) que parece que só espera o sossego final do seu criador para entrar definitiva e livremente na própria órbita. Tudo quanto em vida espiritualmente se cria não se perfaz, e a poesia é das maiores imperfeições do vivo. A poesia, a filosofia e a religião, por isso mesmo que são as esferas da perenidade, o logradouro da duração, exigem de quem as professa uma pureza tal, que só a morte a declara.

Estas afirmações, bem sei, soam a paradoxo ou a virtuosidade estilística a muita gente, principalmente no que se refere à poesia — triste coisa assoalhada, que se mima e se contrafaz, a ponto de perder toda a significação de acto profundo e necessário, confundindo-se com o ignóbil sussuro das rimas divertidas e com o faiscar patarata das associações verbais «à linha partida»... Há tempo de autenticidade e tempo de hipocrisia na vida que vivemos. O nosso tempo é triste, inautêntico: é daqueles tempos a que se pode aplicar o verso de Dante: «*Che nel pensier rinnova la paura*».

A tristeza, porém, tanto a individual como a dos tempos, só pode ser apreendida e expressada verdadeiramente pelos poetas — não pelos rimadores ou versilibristas que periodicamente palram, mas pelos autênticos, grandes ou humildes poetas, que só cantam na hora verdadeira.

Francisco Bugalho era um desses poetas genuínos, de uma extrema pureza e discrição, arregrado dos mentideros «culturais», solidamente implantado na sua cidadania provinciana, em face da Serra de Portalegre, que já se lhe desenha nas *Margens*, o seu livro de estreia (1931). Não tenho aqui à mão as outras recolhas da

«A poesia tem o seu lugar na vida como esfera espiritual, a par da filosofia e da religião — mais nada. É só para a desinfecção de ociosidades que, de tempos a tempos, convém estudar-lhe o fóro. É até para honrar a memória daqueles que, como Francisco Bugalho, não sendo nem frívolos nem ociosos, lhe dedicaram do melhor e do mais sério da própria vida.»

sua pr
nha in
fil ou e
Bugalh
mesmo
em que
ao cam
da vida
pelas h
mões, s
pos da
tenção
da sua
que ce
lância
que lhe
ro lemb
rada in
te um p
der cor
minha.

Essa
tendo
mas via
ca. Des
um som
bordos
Depois
mens v
reando
um fina
cisco B
seu livr
trofe-in
sempre
vezes en
pouco m
margens
no mar
da, par
purame
mente
seus ca
abria o
anos, q
em aml
poeta p
Pastora
fruído
dante e
tecipad
tivo do
momen
to efém

sua produção poética, nem é minha intenção fazer agora um perfil ou estudo crítico de Francisco Bugalho. Ainda há pouco, aqui mesmo, falei do seu último livro, em que palpitava tamanho apego ao campo alentejano, à verdade da vida vivida a lavrar e a galopar pelas herdades; e João Gaspar Simões, seu companheiro dos tempos da *presença*, anuncia-me a intenção de uma visão de conjunto da sua obra lírica em artigo, o que certamente fará com a vigilância crítica e o conhecimento que lhe são próprios. Eu só quero lembrar-me do amigo e camarada inolvidável: pedir à sua morte um pouco de alento e aprender com ela a esperar a hora da minha.

Essa lição dos que se foram, tendo andado connosco algumas vias espirituais, é a mais rica. Desprende-se do que fizeram um som fino e longo, como dos bordos de cristal mal tocados. Depois, poetas destes são homens verazes, coisa que vai rareando; são entes dotados de um fino pressentimento. Francisco Bugalho abria em 1931 o seu livro de estreia com esta estrofe-inscrição: *«Rio! que corres sempre sonolento e frio, beijas às vezes enseadas mansas.../ É só um pouco mais!.../ Depressa deixarás margens e cais;/ o mar é perto; e lá no mar descansas...»* Assim, a vida, para Francisco Bugalho, era puramente marginal, rigorosamente efêmera. Não longe dos seus cais tumultuosos se lhe abria o mar do ser. Já em verdes anos, que costumam gastar-se em ambição e fervor vital, este poeta pastor compunha a sua *Pastoral* com o amor do retiro fruído na notação rural circundante e com uma aceitação antecipada, senão com o gosto activo do silêncio refeito sobre um momento de expansão, um canto efêmero.

«No espinhaço da serra so-
branceira,/ uma primeira estrela
caminheira/ tremeluzindo...» —
«(Ninguém há que a cantar se
não afoite,/ mesmo na solidão)».
Para homens como Bugalho, sobretudo na solidão: o cantar que duplica o homem: que o dota de sentido e companhia: com a sua cantiga nocturna o caminhante solitário espanca o medo e marca o sentido da marcha. Os que o esperem, pelo canto o adivinhem. Já longe, o resto da cantiga é o seu rasto.

Mas Francisco Bugalho deixou algo mais que um resto de cantiga na noite. Apesar dos seus desalentos («Sinto que a vida me não vale nada; e vou-me adormecendo devagar»), construiu um perfil de português sério, de homem de verdade inteira — verdade poética pouco importa... E, até, nem só essa. Não me pode esquecer a cara com que o amigo comum que me noticiou a sua morte, como eu lhe retorquisse — «Era um autêntico poeta!» — me tornou (ele, que avalia igualmente das duas esferas de actividade): «E um grande lavrador!»

É pois possível no nosso Portugal de 1949 ser-se igualmente sério e altamente valioso como lavrador e como poeta. Bendita seja a seiva da nossa verdadeira pátria que dá disto sinceramente, em Castelo de Vide e alhures! Que nos emocionamos de mais em público, ao falarmos de mortes de vizinhos e amigos? Que os sentimentos pessoais de uma pessoa não interessam às outras? Que cada um lamente em voz baixa e para si o que perdeu? Sejamos objectivos, positivos, etc.? E a objectividade do espiritual e a positividade da poesia? Então nós estamos aqui a fingir que gostamos de versos e de contos, ou somos homens que tomamos a sério a imaginação e a vida de alma?

Francisco Bugalho era, civilmente, um obscuro conservador do Registo Predial da província. Nessa condição burocrática realizou a sua obra poética: vamos... o seu magistério espiritual. Porque, ao menos nesta hora da sua melancólica partida, quando a mensagem do poeta se perfaz, eu o sinto e ouço como a um mestre. De solidão povoada de belos e rectos pensamentos. De discrição na conduta. De veracidade e de modéstia.

Abri aqui o meu Dilthey para pensar melhor a morte do poeta Francisco Bugalho — sinal de que a sua sombra me infunde respeito e «mete medo». E Dilthey folheado, diz assim: «Só a poesia reina livremente nos domínios da realidade e das ideias.» «A poesia é o órgão da compreensão da vida; o poeta um vidente que vislumbra o sentido da vida.» «Toda a poesia, lírica, épica ou dramática, eleva cada acontecer particular à consciência do seu significado. Por isto se distingue das produções recreativas. Tem todos os recursos para fazer ver esse significado sem expressá-lo.» «A história da poesia revela as infinitas possibilidades de sentir e descobrir a vida contidas na natureza humana e em suas relações com o mundo.»

Estas alegações não se destinam a propor um mundo estruturado poeticamente, nem muito menos. A poesia tem o seu lugar na vida como esfera espiritual, a par da filosofia e da religião — mais nada. É só para a desinfetar de ociosidades que, de tempos a tempos, convém estudar-lhe o foro. E até para honrar a memória daqueles que, como Francisco Bugalho, não sendo nem frívolos nem ociosos, lhe dedicaram do melhor e do mais sério da própria vida. ●

Publicado na coluna «Leitura semanal» do Diário Popular de 16/02/49

Carta Inédita

de Francisco Bugalho a João Gaspar Simões

Cast.º de Vide

1 Abril 1937

Meu caro João

Como o prometido é devido aí vai este segundo galo para suceder no trono e no coração das tuas galinhas ao primeiro de tão breve memória. Ainda consegui arranjar-te um dos reprodutores. É irmão do primeiro que para aí foi e os filhos, ou melhor as filhas dele têm dado poedeiras de primeira ordem. Peço-te para em meu nome pedires desculpa à Senhora Dona Mécia por só hoje o enviar, mas como quis arranjar-lhe uma embalagem conveniente demorou um pouco mais.

São duas horas da noite e acabo de chegar da Senhora da Luz. Estou portanto a escrever-te à pressa porque amanhã tenho que me levantar cedo, o que de resto tem acontecido todos os dias.

Se o José Maria¹ ainda aí estiver dá-lhe saudades minhas. Os meus cumprimentos para a Senhora Dona Mécia, beijos para a Maria Joana e para ti um grande abraço muito amigo

do teu
Francisco Bugalho

P.S.

O que há da brochura das minhas *Margens*?

Mais saudades

Bugalho

¹ José Maria [dos Reis Pereira], ou seja, José Régio.